

AUTONOMIA, USO DE TDIC E APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL

Gabriela Bohlmann DUARTE

Iago Goulart BORBA

Luciani Salcedo OLIVEIRA

Universidade Federal do Pampa - Unipampa

Resumo: Este artigo apresenta pesquisa desenvolvida junto a alguns alunos do Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé. O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão sobre o caráter autônomo dos alunos e o desenvolvimento desta autonomia com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) nas práticas de estudo de inglês. Os dados da pesquisa foram coletados junto a alguns alunos voluntários distribuídos entre os primeiro, terceiro, quinto e sétimo semestres do Curso de Letras – Línguas Adicionais no primeiro semestre de 2018, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa com base em um questionário *online*. Os resultados, presentes nesta pesquisa, trazem definições comuns a todos os respondentes quanto ao conceito “autonomia”, mas diferentes perspectivas quanto aos comportamentos autônomos de cada aluno. Além disso, apontam para o uso das TDIC como recursos de estudo fora do ambiente acadêmico.

Palavras-Chave: Autonomia; TDIC; Aprendizagem de Inglês.

AUTONOMY, ICT AND ENGLISH AS AN ADDITIONAL LANGUAGE LEARNING

Abstract: This article presents the data collected from a research project developed with some undergraduate students of the Additional Language Teacher Education Program: English, Spanish and Literatures at Federal University of Pampa (*Unipampa - Campus Bagé*). The purpose of this article is to present a discussion about the development of autonomy along with the use of Information and Communication Digital Technologies (ICDT) to study English. The data of the research were collected with some volunteer students of the first, third, fifth and seventh semesters of the Bachelor degree in Additional Language Teaching in the first semester of 2018, through the use of an online questionnaire. The research followed a qualitative approach. The results presented in this paper illustrate similar definitions, given by the participants, regarding the concept “autonomy”, but it also shows different perspectives concerning autonomous behaviours of each participant. Besides, the data also indicates that ICDT are used by the investigated undergraduates outside the University.

Keywords: Autonomy; ICDT; English learning.

AUTONOMÍA, LA UTILIZACIÓN DE LAS TDIC Y EL APRENDIZAJE DE INGLÉS COMO LENGUA ADICIONAL

Resumen: Este artículo presenta los datos recopilados del proyecto de investigación desarrollado con los estudiantes de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas de la Universidad Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé. El propósito de este artículo es presentar una discusión sobre el desarrollo de la autonomía junto con las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC) en el entorno académico por parte de futuros profesores de inglés. Los datos de la investigación se obtuvieron del enfoque metodológico cualitativo y cuantitativo a través de un cuestionario en línea. Las preguntas incluidas en el cuestionario iban desde el conocimiento del concepto de la palabra autonomía y las formas de estudio del alumno además de la clase hasta la identidad autónoma del alumno. Las preguntas fueron dirigidas a estudiantes voluntarios del primer, tercer, quinto y séptimo semestres del curso de Letras - Línguas Adicionais en el primer semestre de 2018. Los resultados presentes en esta investigación contienen diferentes perspectivas del uso de la autonomía y la tecnología por graduandos académicos

Palabras-clave: Autonomía; TDIC, Aprendizaje de inglés.

INTRODUÇÃO

A autonomia pode se tornar uma grande aliada especialmente de graduandos de Cursos de Licenciatura em Letras com habilitação em línguas estrangeiras ou adicionais (MARTINS; MACIEL, 2010; SILVA, 2015; RODRIGUES, 2016; NICOLAIDES; MAGNO, 2017). Quando o estudante entende as possibilidades oferecidas ao exercer comportamentos autônomos, a autonomia pode ter um papel importante nos processos de aprendizagem. Porém, ser autônomo não necessariamente significa que um estudante consiga obter sucesso no seu processo de aprendizagem. Todavia, conforme sugere a literatura especializada, desenvolver a autonomia, dentro e fora da sala de aula, seria uma maneira eficaz para a construção de mais conhecimento.

Segundo Dickinson (1994), um estudante autônomo geralmente precisa da orientação de professores para que sua experiência não seja em vão; sendo assim, um aluno autônomo necessita aguçar não somente seu senso de liberdade, mas também aprimorar seu conhecimento acerca das alternativas disponíveis para que tal característica possa ser exercida plenamente a fim de que o indivíduo exerça seu direito de ser livre e de fazer escolhas.

Para um aluno, ter autonomia em seu processo de aprendizagem pode ajudá-lo na sua trajetória de aprendizagem. Com relação ao estudo de línguas adicionais, a autonomia é também

essencial, pois sabe-se que aprender outra língua exige a autonomia daqueles que se comprometem com esse processo, o qual não ocorre apenas em sala de aula (PAIVA, 2006; LEFFA, 2006; LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008). Desse modo, a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) poderia ser bastante proveitoso, caracterizando-se como outro espaço no qual os alunos podem ter contato com a língua e estudá-la. Conforme postulado por Chik (2018), com a ajuda das TDIC, o desenvolvimento linguístico poderia se tornar mais significativo, visto que alunos estão cada vez mais conectados, utilizando as tecnologias autonomamente fora da sala de aula, com inúmeras finalidades, e.g. pesquisa, informação, entretenimento, comunicação, estudo.

É importante citar que, segundo uma pesquisa feita pelo IBGE (2017)¹, 74,9% dos domicílios brasileiros já possuíam acesso à internet, sendo que 98,7% da internet é acessada por celulares. Nessa mesma direção, de acordo com pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), denominada *TIC Domicílios*, 70% da população brasileira – 129 milhões de pessoas – usou a Internet regularmente em 2018. O principal meio para isso permanece sendo os *smartphones*, com 97% de acesso². Assim, com base em tais dados, entendemos que desenvolver a autonomia para a aprendizagem de línguas, com auxílio de computadores, *tablets* ou *smartphones*, pode se tornar um modo prático para auxiliar o aluno na aprendizagem em ambiente externo ao da sala de aula.

Já que as TDIC oferecem possibilidades de contato com as línguas adicionais, tanto em contextos de uso autêntico (redes sociais, *websites* com conteúdos variados, vídeos) quanto de materiais disponíveis para o estudo autônomo (como aplicativos e/ou Recursos Educacionais Abertos), elas podem ser aliadas nos contextos de ensino e aprendizagem, em especial em contexto multilíngue, como o Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas na UNIPAMPA (Campus Bagé) – *locus* deste artigo. Mais especificamente, conforme as perguntas de pesquisa (apresentadas a seguir), este texto objetiva abordar, na voz de alguns estudantes do referido curso, a possível relação entre o estudo de uma língua adicional (nesse caso, o inglês) e a utilização autônoma de recursos digitais.

1 “Uso de internet, televisão e celular no Brasil”. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Acesso em: 24 Jan. 2020.

2 “Uso da internet cresce, e 70% da população está conectada”. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml> Acesso em: 01 Abr. 2020.

A motivação para escrita do presente texto partiu de dois Projetos de Pesquisa, implementados em 2017 na UNIPAMPA (Campus Bagé), ambos vinculados ao Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais. Nesse contexto, há a exigência da aprendizagem simultânea de duas línguas adicionais e da formação docente em ambas as línguas, assim constituindo-se no único curso, no Brasil, com a proposta de formação de professores habilitados em duas línguas adicionais. Nesse contexto de aprendizagem, no qual há grande demanda de tempo para o estudo, pretendemos analisar as relações dos participantes da pesquisa com a utilização das TDIC como ferramentas auxiliares no processo de desenvolvimento da autonomia, visando à aprendizagem de inglês.

A seguir, serão apresentadas algumas pesquisas que nos ajudaram a compreender a autonomia como conceito na área de ensino e aprendizagem de línguas; e a utilização das tecnologias digitais como possível contribuição para o processo de aprendizagem de uma língua adicional. Após, apresentaremos a metodologia de análise e análise e discussão de dados. Esta seção foi dividida a partir de duas perguntas norteadoras, a fim de que possamos analisar o uso das TDIC, assim como as percepções dos alunos quanto à autonomia: 1) Como os participantes desta pesquisa definem autonomia? Nessa perspectiva, eles percebem-se como alunos autônomos? (2) Quais são as estratégias de estudo adotadas, pelos participantes desta pesquisa, para a aprendizagem da língua inglesa? Nesse viés, de que modo as TDIC são utilizadas como ferramenta para o estudo? Por fim, apresentamos as considerações finais.

1. AUTONOMIA E USO DAS TDIC: O QUE A LITERATURA NOS APONTA?

As investigações acerca da importância da autonomia para os processos de ensino e aprendizagem são temas recorrentes em diversas áreas do conhecimento. Na Linguística Aplicada ao ensino de línguas, tais pesquisas serviram e ainda servem para apresentar e discutir as diferentes faces da autonomia no ambiente escolar e acadêmico.

Para abordar o conceito de letramento digital, ao longo da análise de dados, partiremos da definição proposta por Buzato (2009), a qual aponta para os letramentos digitais como: “redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude ou influência das TIC” (p. 22).

Logo, entendemos que letramentos são práticas sociais situadas, que ocorrem a partir de textos, de pessoas e das habilidades demandadas em cada situação de uso. Os letramentos digitais ocorrem a partir do uso das tecnologias³. Deste modo, os textos circulam através de dispositivos e ferramentas e as pessoas utilizam esses recursos para ler e veicular tais textos. Por isso, dentre as habilidades demandadas, estão não só a leitura, interpretação e produção de textos diversos, socialmente situados, mas também o uso de tais dispositivos para a esse fim.

Indo ao encontro do conceito de letramento digital, entende-se que a formação docente deve abarcar o desenvolvimento de tal letramento, tanto para a aprendizagem dos professores em formação quanto para o trabalho com seus futuros alunos. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que estabelece as diretrizes para a educação básica no Brasil, defende o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9).

Com relação ao ensino de inglês, o documento preconiza a necessidade de usar as tecnologias a fim de “pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento na língua inglesa, de forma ética, crítica e responsável” (BRASIL, 2018, p. 246). A partir dessas colocações, entende-se que na formação docente perpassa o trabalho de discussão e reflexão quanto aos usos de dispositivos e ferramentas, bem como os processos de criação e produção de sentidos através dos textos que circulam por meio das TDIC.

A partir do uso das TDIC para o ensino e aprendizagem de inglês, entendemos também que a autonomia torna-se uma característica relevante, visto que pode estimular o estudo da língua fora do ambiente da sala de aula. Para Little (1991), a autonomia é a capacidade de ter reflexão crítica e de tomar decisões e ações independentes. De acordo com o autor, a autonomia é uma potencialidade humana universal, isto é, o imperativo biológico de criar oportunidades para a aprendizagem (LITTLE, 1996; 2007). Desse modo, todos os seres humanos nascem autônomos; porém, apesar de ser uma potencialidade natural, a autonomia precisa, primeiramente, ser despertada para que possa ser utilizada. Em sala de aula, a autonomia, que

3 Buzato (2009) utiliza a sigla TIC para Tecnologias de Informação e Comunicação.

é vista como característica inerente ao ser humano, poderia servir como um impulsionador para os processos de estudo dos aprendizes.

Segundo Dickinson (1994), a autonomia é uma questão de atitude perante a aprendizagem e refere-se ao fato de a pessoa ser responsável pelo próprio processo de aprendizagem, de modo que o aluno, neste caso, envolve-se na tomada de decisões necessárias para que esse processo ocorra. Para a autora, o aluno autônomo é capaz de identificar o que está sendo apresentado pelo professor, definir objetivos que vão além daqueles estabelecidos pelo docente, implementar estratégias de aprendizagem, avaliar o seu uso de tais estratégias e monitorar sua própria aprendizagem. Outro aspecto também apontado é que a autonomia dos aprendizes pode ser facilitada através da legitimação da sua independência, da persuasão dos aprendizes de que eles são capazes de aprender de forma independente e do ensinamento, aos alunos, sobre como aprender e desenvolver tal autonomia (DICKINSON, 1994, P.12). Dessa forma, a autora não só define o que espera de um comportamento autônomo, mas também salienta a importância de que tal comportamento seja estimulado em sala de aula.

Já Benson (2006) afirma que a “desconstrução da sala de aula de ensino de línguas convencional” é um contexto de grande interesse para as investigações sobre a autonomia recentemente (p. 22). Para o autor, essa tendência vai ao encontro da distinção entre a aplicação da autonomia dentro e fora da sala de aula, o que gera novos entendimentos quanto ao papel da autonomia no ensino e na aprendizagem de línguas. Além disso, pontua também a mudança no foco dos temas de pesquisas envolvendo a autonomia. Até meados dos anos 90, havia uma busca para especificar o que era abarcado pelo objetivo da autonomia, enquanto que, mais recentemente, “a autonomia aparece como um conceito mais problemático à medida que ideias relacionadas com diferentes níveis de autonomia e diferentes formas de representar a autonomia foram exploradas” (BENSON, 2006, p. 23)⁴. Segundo o autor, houve uma preocupação com a variação desse conceito devido a questões contextuais e culturais que perpassam o ensino e aprendizagem de línguas ao redor do mundo.

4 Tradução feita pelos autores. No original: In the theoretical literature published over the past ten years or so, however, autonomy appears as a more problematic concept as the closely related ideas that there may be different levels of autonomy and different ways of representing autonomy have been explored. (BENSON, 2006, p.23)

Ao se pensar nos contextos atuais de ensino e aprendizagem de línguas, sabe-se que as TDIC têm cada vez feito mais parte deles, seja dentro ou fora da sala de aula. Quando buscamos analisar a forma como o processo de aprendizagem autônomo ocorre, poderíamos focar em como a utilização de certas ferramentas digitais e aplicativos poderiam ajudar nesse processo. Segundo Chik (2018), há uma grande quantidade de estudantes que estão transformando suas práticas digitais diárias em momentos voltados ao estudo, isto é, estão usando seus momentos livres em frente ao computador ou com seus *smartphones* e/ou *tablets* para estudar. A autora, ao abordar a autonomia na era digital, afirma que, partindo da definição de autonomia como “a habilidade de tomar/ter responsabilidade pela sua própria aprendizagem” (HOLEC, 1981), há duas direções que devem ser tomadas pelos aprendizes:

primeiro, a habilidade de ter responsabilidade pela sua própria aprendizagem através de práticas digitais e em mundos digitais e, segundo, a habilidade de ter responsabilidade pela sua própria aprendizagem quanto às necessidades de aprendizagem da língua. (CHIK, 2018, p. 75⁵).

Nesse sentido, Chik (2018) afirma que a primeira direção aponta para a competência para usar as TDIC com o objetivo de desenvolver a sua própria aprendizagem, incluindo a busca e a localização de materiais *online* apropriados para os seus propósitos de aprendizagem. Essa competência é importante porque, visto que há diversas fontes de materiais na rede, o aprendiz deve ser capaz de selecionar as fontes de acordo com a sua necessidade pessoal.

Mota (2017) investigou a relação entre a aprendizagem e a autonomia de aprendizes de nível inicial de língua inglesa a partir do uso do *Whatsapp*. A autora salienta a importância de pensarmos no uso aplicativo e nas diversas possibilidades de troca de informações, como textos, imagens e *links*. Ela destaca, também, que algumas interações propiciadas pelo uso do *Whatsapp* por aprendizes de inglês foram espontâneas, o que demonstra a importância da agência, da responsabilidade pela sua própria aprendizagem e da motivação (MOTA, 2017, p. 165).

5 Tradução feita pelos autores. No original: “In application to digital practices in out-of-class contexts, this broad definition points to two directions that a learner should be capable of: first, the ability to take charge of one’s own learning through digital practices and in digital worlds, and second, the ability to take charge of one’s own learning in terms of language learning needs”. (CHIK, 2018, p. 75)

De acordo com o *International Standard Classification of Education*⁶ - ISCED, 2011 (UNESCO, 2012), há uma diferença entre a aprendizagem formal e a aprendizagem informal. Enquanto que a aprendizagem formal é institucionalizada, intencional e planejada através de organizações públicas ou privadas, a aprendizagem informal é intencional ou deliberada, mas não é institucionalizada. A aprendizagem informal pode incluir atividades de aprendizagem que ocorrem no ambiente familiar, no ambiente de trabalho, na comunidade local ou na vida diária. Essa aprendizagem pode ser orientada pela família, pelo convívio social ou pelo próprio indivíduo.

Em pesquisa realizada por Sockett e Toffoli (2012), foi averiguado que os alunos que estudavam informalmente a língua inglesa *online* adquiriram uma grande carga de vocabulário e melhoraram a compreensão auditiva depois de várias horas utilizando diversos *sites* na *internet*. Grande parte dos alunos investigados utilizavam filmes, músicas com legendas, e redes sociais como *Facebook* para o estudo da língua inglesa. Logo, essa pesquisa ilustra um exemplo de investigação referente à aprendizagem de inglês através de estudos informais conduzidos a partir do uso de TDIC.

No nosso contexto de investigação, no Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, a aprendizagem das línguas ocorre formalmente, nos componentes curriculares do curso, bem como em atividades previstas em outros ambientes, como a extensão e a pesquisa (UNIPAMPA, 2019). Nesse curso, os alunos têm a formação para atuarem como professores de línguas adicionais, visto que tais línguas são aprendidas adicionalmente à língua materna e passam a fazer parte do repertório linguístico dos falantes, onde quer que eles estejam (SCHLATTER; GARCEZ, 2012; LEFFA; IRALA, 2014). Além disso, segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, a escolha pelo termo:

Não se trata, portanto, de uma segunda língua, mas de línguas que são oferecidas na escola e/ou no meio social em que circulam os alunos e que são as principais línguas de comunicação transnacional - o espanhol e o inglês, o que significa que estão a serviço da interlocução nos diversos espaços sociais de que o aluno pode vir a participar. São as línguas adicionais úteis e necessárias entre nós, de forma que o seu ensino e a reflexão sobre elas devem ser entendidos como parte de sua formação

⁶ Tradução: Classificação Internacional Normalizada da Educação (CINE).

cidadã e como via de acesso para a inserção social e cultural dos sujeitos na atualidade. (UNIPAMPA, 2019, p. 5).

Ainda de acordo com o PPP do curso, espera-se que o egresso do referido curso:

(...) Saiba articular os conhecimentos adquiridos ao longo das disciplinas e de sua formação, buscando selecionar e criar experiências de aprendizagem relevantes para a Educação Básica, tendo em vista a formação de um aluno capaz de usar os recursos da língua para promover sua autonomia e sua cidadania; Desenvolva suas habilidades enquanto professor-pesquisador, visando à constante investigação sobre a realidade em que está inserido como profissional, de forma que possa agir eficientemente sobre ela, de forma autônoma, a partir dos conhecimentos que construiu durante o curso; (...) **Assuma uma posição autônoma em relação à sua formação acadêmico-profissional.** (UNIPAMPA, 2019, p. 32-33, grifo nosso).

Percebe-se, assim, que, a adição dessas línguas ao repertório linguístico dos professores em formação desse Curso de Letras repercute no seu ensino futuro, a partir da reflexão sobre o papel e a presença dessas línguas sociedade. Além disso, há o reconhecimento da importância da autonomia na formação dos alunos, tanto ao longo de sua formação inicial quanto, posteriormente, em sua atuação profissional. Desta forma, entende-se que o uso de tecnologias digitais pode não só fomentar esse comportamento autônomo, mas também fornecer *input* linguístico aos alunos, de modo que eles possam adquirir um contato maior com o inglês, enquanto língua adicional, e possam buscar formas de estudo além da sala de aula presencial.

Desse modo, com base na breve revisão de literatura aqui apontada, percebemos que o conceito de autonomia, através de comportamentos autônomos, tem papel fundamental no processo no ensino e aprendizagem de línguas independentemente do uso de TDIC. Contudo, tais ferramentas, no atual contexto sócio-histórico de ensino e aprendizagem, tornam-se relevantes porque podem proporcionar novos espaços de estudo e de desenvolvimento de comportamentos autônomos em prol da aprendizagem, seja ela formal ou informal.

Assim, através da análise de dados que será apresentada a seguir, buscamos compreender de que formas os alunos do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais têm (ou não) esse comportamento autônomo para a aprendizagem do inglês e de que maneiras esse comportamento é manifestado pelo uso das TDIC.

2. METODOLOGIA

Os dados presentes neste artigo foram coletados seguindo uma abordagem metodológica qualitativa (BOGDAN & BIKLEN, 1994; GÜNTHER, 2006). A coleta de dados foi feita a partir de um questionário *online*, sendo utilizada a ferramenta de planilha do *Google Docs*, programa que possibilita ao usuário a criação de questionário de múltipla escolha e/ou de questões abertas. Esse questionário foi enviado via *e-mail* e também compartilhado em redes sociais como *Facebook* e *Whatsapp* para os alunos do primeiro, terceiro, quinto e sétimo semestres do Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais da UNIPAMPA (Campus Bagé), durante os meses de abril e junho de 2018. Devido as inúmeras demandas acadêmicas, apenas 12 dos 124 acadêmicos, regularmente matriculados no Curso quando da coleta dos dados, aceitaram enviar suas respostas ao referido questionário. Entretanto, esse fato não invalida a possibilidade das percepções, aqui analisadas, virem a ser associadas a situações semelhantes vivenciadas por outros aprendizes de línguas adicionais; trazendo, como consequência, uma possível interpretação ou explicação de uma outra realidade, respeitadas as peculiaridades dos novos sujeitos sociais em seus respectivos contextos de vida.

As perguntas feitas, apresentadas a seguir, abordam a definição da palavra autonomia, a auto-identificação dos alunos com o conceito de autonomia, as estratégias de estudo formal e informal e a utilização das TDIC como ferramenta de estudo autônomo:

- 1-Defina o que é autonomia.
- 2-Você se considera um aluno autônomo? Por quê?
- 3-Você acredita que o uso de tecnologias para a aprendizagem de inglês é importante? Por quê?
- 4-Você usa alguma tecnologia para o estudo de inglês? Por quê?
- 4.1-Em caso afirmativo, marque um X no(s) app(s) que usa. (Opções: *Duolingo; Busuu; Babbel; Youtube; Twitter; Facebook; Netflix.*)
- 5-Você estuda inglês fora da universidade? Em caso afirmativo, de que maneira?
- 6-Você acredita que ser autônomo(a) no Curso de Letras-Línguas Adicionais é uma característica necessária para o(a) aluno(a)? Por quê?

As respostas foram fornecidas voluntariamente pelos 12 participantes da pesquisa, com idades que variaram, no momento da coleta, entre 18 a 64 anos. Os alunos são identificados por números, de modo que teremos como participantes desde o Aluno 1 até o Aluno 12.

Após a coleta dos dados, foi realizada a análise qualitativa dos dados, a partir das questões trazidas na fundamentação teórica. Na próxima seção, debruçamo-nos sobre os dados coletados com o intuito de responder as seguintes perguntas de pesquisa: (1) Como os participantes desta pesquisa definem autonomia? Nessa perspectiva, eles percebem-se como alunos autônomos? (2) Quais são as estratégias de estudo adotadas, pelos participantes desta pesquisa, para a aprendizagem da língua inglesa? Nesse viés, de que modo as TDIC são utilizadas como ferramenta para o estudo?. A seguir, serão apresentados os resultados organizados e analisados que foram adquiridos após o processo de coleta de dados.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados coletados e analisados, a partir do questionário *online*, nos trouxeram diferentes realidades de como a autonomia, juntamente com as TDIC, poderia estar presente no estudo de língua inglesa por alunos dentro e fora da sala de aula. Sendo assim, apresentamos, a seguir, duas seções, representadas por cada uma das perguntas de pesquisas expostas anteriormente, a fim de ilustrar os dados para respondê-las.

3.1 COMO OS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA DEFINEM AUTONOMIA? NESSA PERSPECTIVA, ELAS PERCEBEM-SE COMO ALUNOS AUTÔNOMOS?

Ao analisarmos as respostas dos alunos ao questionário *online*, é possível perceber que todos os alunos participantes, depois de serem questionados sobre a definição de autonomia, mostraram ter a mesma percepção da palavra e responderam usando, quase sempre, a ideia de independência como aspecto principal desse conceito, como pode ser exemplificado por:

Para mim autonomia é quando você busca sozinho sem ter ninguém te mandando para fazer. Buscar algo que não foi ordenado é sim por algo que te chamou atenção ou quer pesquisar mais afundo do seu conhecimento de mundo. Sem necessariamente ser instruído para fazer aquilo. (Aluno 6, 2018).

Autonomia é quando o aluno/pessoa vai além do que é proposto, quando a pessoa tem a capacidade de aprender sozinha, sem a necessidade de outra pessoa guiando-a. (ALUNO 11, 2018).

Capacidade de tomar decisões por conta própria. Se autodeterminar. (ALUNO 12, 2018).

Essas respostas vão ao encontro da definição simples da palavra, de acordo com Mota (2017), a qual pode ser encontrada em dicionários, como “capacidade de se autogovernar” (HOUAISS, 2001, p.351). Desta forma, para esses alunos, ser autônomo é agir de modo independente, sem a necessidade de um comando para tal ação.

Após os alunos terem compartilhado suas próprias concepções de o que seria autonomia, foi questionado se eles próprios se consideram autônomos. Cinco, de 12 participantes, os quais tinham entre 18 e 19 anos, consideraram-se autônomos, já que, segundo eles, a autonomia de discentes no ambiente acadêmico é de grande necessidade. Abaixo, apresentamos alguns exemplos:

Sim. Acredito que no curso ao qual estou inserida ter autonomia é fundamental, visto que a aquisição de línguas depende principalmente do aprendiz e que a formação docente também requer autonomia. (ALUNO 9, 2018).

Sim. A universidade exige um certo nível de autonomia, acatar com isso nem sempre é fácil, porém é necessário expandir seus conhecimentos além da sala de aula e estar preparado para diversas situações. (ALUNO 12, 2018).

Por outro lado, dois dos 12 questionados - um de 18 e outro de 64 anos, afirmaram que não são autônomos, pois gostam de agir conforme é demandado a eles:

Não, eu não vou além do que os professores me peçam em sala. Não me considero autônoma e sim uma pessoa que segue o que os outros dizem que é bom, ou seja, não procuro nada além disso. (ALUNO 6, 2018).

Não. Sempre dependo de algo para me desenvolver. (ALUNO 7, 2018).

Estas respostas apontam que, apesar de haver uma diferença de idade entre ambos os informantes, a percepção quanto a autonomia é a mesma. Sendo assim, podemos cotejar a possibilidade da autonomia não depender exclusivamente da variável “idade do informante”, dependendo assim de outros fatores, entre elas, culturas, leituras, crenças. Conforme apontado pela literatura especializada, e a partir das respostas dos Alunos 6 e 7, podemos pensar que a autonomia realmente depende de outros fatores – como suas experiências pessoais com os processos ensino e aprendizagem, em contextos formais e informais.

Por fim, houve outros cinco questionados que ficaram indecisos em relação à prática de estudo autônoma, pois não possuem a certeza se o que fazem poderia ser considerado como autonomia ou, também, nunca pararam para pensar em tal assunto. Alguns desses alunos dizem que gostariam de ser mais autônomos, mas por certos fatores não conseguem, como é o caso do aluno 4:

Eu gostaria de ser mais [autônomo], porém há fatores que interferem como professores não aceitando sua autonomia e/ou obrigatoriedade de fazer algo nos moldes exatos de certo autor da escolha de terceiros (o que além de tirar minha autonomia, ainda me tira o ânimo de concluir o curso proposto pela pessoa). (ALUNO 4, 2018).

Pode-se observar que, segundo o Aluno 4, a autonomia necessita ser desenvolvida não somente pelo aluno, mas também pelo professor, que precisaria ser mais aberto a incentivar a autonomia em sala de aula. Há, aqui, uma retomada do que é apontado por Dickinson (1994), referente à importância de que as práticas ou os comportamentos autônomos sejam encorajados também em sala de aula. A partir dessa fala, não só o estímulo é importante, mas também a discussão acerca de como esse comportamento autônomo pode ser exercido em cada momento ou atividade, a fim de que os objetivos pedagógicos dos docentes possam também ser atingidos.

Por fim, foi questionado aos alunos se consideravam a autonomia como característica necessária dentro do Curso de Letras – Línguas Adicionais. A maioria dos respondentes (10 de 12) assume que ser autônomo no curso é necessário, porque o aluno tem que aprender duas línguas e, com as disciplinas que o curso disponibiliza, seria necessário encontrar mais informações fora da universidade para um melhor aproveitamento dos conteúdos; conforme fica evidenciado por:

Sim. Por ser um curso de línguas é necessário que o aluno vá atrás de suas próprias experiências e contatos com a língua a ser aprendida. (ALUNO 12, 2018).

Sim. Pois a autonomia ajuda a aprofundar nossos conhecimentos, por mais que o curso tenha uma carga horária pesada não é o suficiente, devemos buscar conteúdo além do que nos é fornecido. (ALUNO 13, 2018).

Sim. Pois buscar informações por si só sem depender muito dos outros nos ajuda a crescer (ALUNO 10, 2018).

É possível perceber que, através de tais comentários, os alunos têm a consciência de que um estudo autônomo poderia contribuir para desenvolver um bom aproveitamento no processo de aprendizagem. Porém, dois questionados responderam da seguinte forma:

Depende. Às vezes muita autonomia pode acabar atrapalhando e gerando um descompromisso do aluno com os estudos. (Aluno 8, 2018).

Não entendo que ser autônomo é indispensável para nosso desenvolvimento. (ALUNO 7, 2018).

A partir dessas afirmações, retomamos que o Aluno 7, quando questionado se considera a si mesmo como um aluno autônomo, respondeu que não, porque, segundo ele, sempre depende de algo/alguém para se desenvolver. Podemos interpretar que, para esse aluno, é preciso que haja um estímulo externo - que poderia ser um professor ou um material com instruções - para que seu processo de aprendizagem ocorra. Logo, na opinião do Aluno 7, a autonomia não seria indispensável para o seu desenvolvimento.

Já o Aluno 8 acredita que, se tivermos muita liberdade em ambientes como o acadêmico, poderíamos fazer ou buscar ferramentas que não são realmente necessárias, com a possibilidade de perder o foco principal do que deveria ser estudado. Esse fator pode ser importante para percebermos que, talvez, a autonomia sem nenhuma orientação possa se tornar em uma má experiência, já que o aluno poderia perder-se em meio a informações que pudessem ser inadequadas. A partir deste pensamento, apresentamos uma resposta dada pelo Aluno 9, na qual ele diz:

Sim. A aquisição de línguas depende principalmente do aprendiz, sendo o professor um mediador de conteúdo e informação. A autonomia é fundamental para que o aluno consiga alcançar quaisquer competências linguísticas desejadas. (ALUNO 9, 2018).

Percebe-se que o aluno não esquece do papel do professor neste processo de aprendizagem, retratando-o como mediador de tal. Quando o professor se torna o mediador de um estudo autônomo, ele pode ajudar seus alunos a manter seu foco principal ou a encontrar materiais que podem ser mais eficazes para seus níveis ou idades (LITTLE, 1991; BENSON, 2006; PRENSKY, 2008). Além disso, essa mediação do professor também pode ser importante para que os objetivos de cada atividade sejam cumpridos, indo ao encontro das práticas autônomas. Por

fim, o professor ainda teria a função de orientar essas práticas continuamente, de modo a tentar desfazer a imagem de detentor do saber ou de a sala de aula ser o único lugar em que a aprendizagem pode ocorrer.

Na próxima subseção, apresentam-se os dados referentes à segunda questão proposta nesta análise.

3.2 QUAIS SÃO AS ESTRATÉGIAS DE ESTUDO ADOTADAS PELOS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA? NESSE VIÉS, DE QUE MODO AS TDIC SÃO UTILIZADAS COMO FERRAMENTA DE ESTUDO?

Além de terem sido questionados sobre suas relações com a autonomia, os alunos responderam sobre a sua opinião quanto ao uso das TDIC como ferramentas importantes para a aprendizagem de inglês. A maioria dos alunos (11 de 12) acredita que é importante o uso das tecnologias para o estudo da língua inglesa, pois, segundo eles, as tecnologias na aprendizagem de inglês são ferramentas que facilitam o entendimento sobre o assunto a ser pesquisado. A seguir, apresentamos algumas respostas:

Eu acredito, pois facilita muito na aprendizagem de uma língua adicional. (ALUNO 5, 2018).

Sim, várias. Pela praticidade e pela possibilidade de acesso a diferentes modos de contato com a língua inglesa. (ALUNO 9, 2018).

Embora a maioria dos questionados tenha reconhecido a importância dessas ferramentas para a aprendizagem da língua, um aluno diz que é importante, mas não é essencial:

Importante, mas não essencial (...) ela [a tecnologia] deve ser usada de forma consciente para não gerar a má fama de que as tecnologias atrapalham o aprendizado dos alunos. (ALUNO 4, 2018).

É perceptível que, para esse questionado, o uso das TDIC para a aprendizagem de inglês é importante, mas é também necessária a orientação de terceiros para que o processo de aprendizagem seja melhor conduzido. Nesse sentido, retoma-se a necessidade, já apontada na subseção anterior, de que as práticas autônomas também sejam guiadas pelos professores (DICKINSON, 1994; BENSON, 2006).

Da mesma forma, Chik (2018) destaca a importância do conhecimento sobre os conteúdos e as práticas digitais, para que os materiais buscados na rede sejam relevantes para as necessidades dos aprendizes. Entendemos que, para que as práticas sociais envolvendo os alunos, as TDIC, os textos e os recursos que estão presentes nessas tecnologias se desenvolvam durante o percurso formativo desses alunos, é relevante que haja um trabalho voltado para seu uso, isto é, para que possamos esperar que os professores em formação tenham essa competência, torna-se relevante que ela seja desenvolvida em sala de aula. Uma vez que os alunos saibam como estudar de forma autônoma, com a ajuda das TDIC, esse processo pode ser mais fluído. Além disso, conforme foi apontado pelo Aluno 4, esse trabalho torna esse processo consciente, a partir do enfoque, neste caso, para o desenvolvimento de da aprendizagem de inglês.

Indo ao encontro dessas questões, houve outro aluno que também considera esse uso como importante, mas acredita que se deve ter cuidado com que material buscar na internet, pois muitos, segundo ele, não são bons.

Sim, eu acredito que a tecnologia é um meio muito importante para expandir conhecimentos, porém é preciso saber usar essa tecnologia. Aprender inglês usando as tecnologias é um pouco complicado, pois há muitos materiais disponíveis, e alguns não são tão bons. Mas acredito que seja importante pois temos diversas formas de aprender um mesmo conteúdo. (ALUNO 11, 2018).

Embora tenha havido um aluno que não considerou o uso das TDIC como essencial para o estudo do inglês, todos, incluindo ele, afirmam que elas são importantes. Apesar das respostas afirmativas, foi possível perceber inseguranças relacionadas à busca de materiais *online* de maneira independente, sem a orientação de um professor no processo. Esse fato reitera a importância dessas práticas serem também guiadas em sala de aula, pelos professores. Fato esse que reitera a relevância dos letramentos digitais (já mencionados anteriormente neste artigo) no ambiente universitário (DICKINSON, 1994; BENSON, 2006; CHICK, 2018).

Após ser discutida a importância das tecnologias como instrumentos de estudo, foi questionado se estes alunos já usaram, ou ainda usam, ferramentas digitais para estudar a língua inglesa e, em caso afirmativo, pediu-se para que elas fossem citadas. Todos participantes da pesquisa assumiram que usam algum tipo de tecnologia para o estudo de inglês. A maioria utiliza o celular e seus aplicativos para isso. Do total de 12 alunos, todos usam o serviço de streaming

Netflix e 10 usam a plataforma de vídeos *Youtube*. Não foi questionado a forma como esse estudo ocorre, mas acreditamos que, através de ambos, há a recepção na língua alvo, podendo haver também a produção (*upload*) de vídeos ou de comentários ao conteúdo. Já 9, dos 12 alunos, utilizam a rede social *Facebook*, enquanto que um número menor de alunos fazem uso de outras redes sociais, como *Twitter* (3 alunos) e *Instagram* (2 alunos) e aplicativos como *Duolingo* como forma de estudo e interação com a língua alvo. Além disso, com relação à frequência de uso das TDIC, nove participantes afirmaram que utilizam essas tecnologias digitais todos os dias, e três alunos dizem que fazem isso em dias intercalados.

É visível que, para esses alunos, o uso das tecnologias aplicadas à aprendizagem de inglês está presente no dia a dia e, segundo eles, o estudo através dessas ferramentas acontece, muitas vezes, fora da universidade, de maneira informal (SOCKETT; TOFFOLI, 2012). Como já apontado, esse tipo de estudo informal é intencional e, por isso, pode ser vantajoso aos alunos já que ocorre em espaços diferentes do da sala de aula, incluindo os espaços virtuais, e o aprendiz tem consciência de que está em uma atividade de aprendizagem. A seguir, há um relato de um dos alunos nesse sentido:

(...) Também assisto séries para melhorar meu *listening* e aprender palavras novas, músicas também ajudam quando escuto com o intuito de aprender um vocabulário novo ou focar na gramática. (ALUNO 1, 2018).

A partir dos dados analisados neste artigo, pode-se observar que o simples fato das tecnologias serem utilizadas por eles para seu próprio benefício pode ter relação com suas características autônomas. Embora nem todos os alunos que relataram usar as TDIC para estudar inglês fora da Universidade tenham afirmado que são ou se consideram autônomos, pode-se questionar se o fato de buscarem essas alternativas não se configura como um comportamento autônomo. Nesse sentido, de acordo com os relatos dos alunos, parece haver uma necessidade de ensino da autonomia, o qual poderia estar aliado ao uso das ferramentas digitais.

Desse modo, a autonomia poderia ser também discutida, trabalhada e desenvolvida em sala de aula, assim como as formas de estudo informal, que também são importantes para o desenvolvimento dos acadêmicos. Retomamos aqui que, de acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas (UNIPAMPA, 2019), espera-se que os egressos do curso assumam uma postura autônoma em relação à sua formação acadêmica e profissional. Logo, parece-nos que os dados desta pesquisa

reforçam a necessidade de que essa postura seja desenvolvida ao longo da graduação. Além disso, há também a necessidade de discussão sobre as ferramentas digitais e as vantagens que seu uso, a partir da autonomia, podem propiciar para o processo de aprendizagem de línguas (DICKINSON, 1994; BENSON; 2006; MOTA, 2017; CHIK, 2018).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: A AUTONOMIA E O USO DE TDIC NO CONTEXTO INVESTIGADO

Com base nos dados analisados neste artigo, será retomado o objetivo inicial de pesquisa: compreender de que formas os alunos do Curso de Letras - Línguas Adicionais têm (ou não) um comportamento autônomo para a aprendizagem de inglês e utilizam TDIC com essa finalidade.

Inicialmente, a fim de responder ao primeiro objetivo, foi possível constatar que a autonomia é uma característica reconhecida como fundamental pela maioria dos participantes desta pesquisa - alunos do Curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas -, os quais participaram desta pesquisa. Os alunos têm uma definição do conceito que vai ao encontro da definição reconhecida na literatura; porém, nem todos os participantes consideram-se autônomos. Vê-se, assim, que há um reconhecimento da definição e da importância dessa habilidade para o processo de aprendizagem, mas há uma dificuldade em encontrar práticas autônomas em suas próprias rotinas de estudos de inglês. Retomamos, assim, a relevância de que a autonomia seja também desenvolvida nas práticas de sala de aula, a fim de que possa ser praticada e desenvolvida no caminho acadêmico/escolar dos alunos (DICKINSON, 1994; BENSON 2006).

Já com relação ao segundo objetivo, foi possível perceber que todos os participantes desta pesquisa usam algum tipo de TDIC para estudar, sendo *Netflix*, *Youtube* e redes sociais as mais citadas. Podemos perceber que, embora a minoria dos alunos considere-se autônoma, todos usam as TDIC a fim de estudar fora do ambiente universitário. Reforça-se, assim, as possibilidades oferecidas pelas ferramentas digitais aliadas ao desenvolvimento de comportamentos autônomos para as práticas de estudo de inglês (MOTA, 2017; CHIK, 2018).

Desta forma, a pesquisa aqui apresentada pode indicar as potencialidades oferecidas tanto pelo uso de ferramentas e recursos digitais quanto pelo desenvolvimento de práticas de estudo autônomas de inglês no contexto averiguado. Salientamos que, juntamente a essa

pesquisa, foram desenvolvidas outras duas investigações: uma também com alunos do referido Curso de Letras, mais especificamente sobre como alunos do Curso se veem como futuros professores de língua inglesa e como percebem o impacto das TDIC no seu processo de formação profissional; e outra direcionada aos professores do referido Curso de Letras, os quais atuam na área de ensino de língua inglesa, voltada aos usos de TDIC e as suas percepções quanto aos comportamentos e práticas autônomas dos alunos do Curso. Ambas as análises também se encontram em fase de finalização.

REFERÊNCIAS

BENSON, P. Autonomy in language teaching and learning. *Lang. Teach.* 40, 21–40. United Kingdom: Cambridge University Press, 2006.

BOGDAN, C.; BIKLEN, K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 jan. 2021

BUZATO, M.E.K. LETRAMENTO E INCLUSÃO: DO ESTADO-NAÇÃO À ERA DAS TIC. **D.E.L.T.A.**, v.25, n.1, Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/28204> . Acesso em: 19 Ago. 2020.

CHIK, A. **Autonomy in Language Learning and Teaching**. Sydney, Australia: Palgrave, 2018.

DICKINSON, L. Learner autonomy: what, why and how? In: LEFFA, V.J. (Ed) *Autonomy in Language Learning*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, Brasília, Maio-Ago, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722006000200010&script=sci_arttext Acesso em: 30 Abr. 2020.

HOLEC, H. **Autonomy and Foreign Language Learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex Systems and Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEFFA, V.J. ; IRALA, Valesca Brasil . O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: Leffa, Vilson; Irala, Valesca. (Org.). **Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil**. 1ed.Pelotas: EDUCAT, 2014, v. , p. 21-48.



LEFFA, V.J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das Teorias da Complexidade. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.

LITTLE, D. **Learner Autonomy: Definitions, Issues and Problems**. Dublin, Irlanda: Authentik, 1991.

LITTLE, D. **Learner Autonomy: Some Steps in the Evolution of Theory and Practice**. Dublin, Irlanda: Teanga, 1996.

LITTLE, D. **Language Learner Autonomy: Some Fundamental Considerations Revisited**. Dublin, Irlanda, 2007.

MARTINS, D.S.; MACIEL, A.M.N. A IMPORTÂNCIA DA AUTONOMIA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA. **Disciplinarum Scientia. Série: Artes, Letras e Comunicação**, Santa Maria, v.1, n.1, p.89-110, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/viewFile/751/697> Acesso em: 30 Abr. 2020.

MOTA, V. M. A aprendizagem móvel e a autonomia de aprendizes de língua inglesa. In: NICOLAIDES, C.; MAGNO E SILVA, W. (Orgs.) **Innovations and challenges in applied linguistics and learner autonomy**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2017. p. 149-166.

NICOLAIDES, C.; MAGNO E SILVA, W. (Orgs.) **Innovations and challenges in applied linguistics and learner autonomy**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2017.

PRENSKY, M. The Role of Technology in teaching and the classroom. **Educational Technology**, Nov-Dec, 2008.

PAIVA, V. L. M. O. e. Autonomia e complexidade. **Linguagem & Ensino**, Vol. 9, No. 1, p. 77-127, 2006.

RODRIGUES, L.C.B. A Formação do Professor de Língua Estrangeira no Século XXI: entre as antigas pressões e os novos desafios. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 19/2, p. 13-34, dez. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/21848> Acesso em: 30 abr. 2020.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, Pedro M. **Línguas Adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês**. 1. ed. Erechim: Edelbra, 2012. v. 1. 176p.

SILVA, R. C.M. da. AUTONOMIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO CONTEXTO ACADÊMICO. **Anais do XII Congresso Nacional da Educação**. ISSN 2176-1396. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2015. P. 14775-14785. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21009_9622.pdf Acesso em: 30 Abr. 2020.

SOCKETT, G; TOFFOLI, D. Beyond learner autonomy: A dynamic systems view of the informal learning of English in virtual online communities. **ReCALL**, v. 24, n.2, p.138-151, 2012.

UNESCO. **International Standard Classification of Education - ISCED 2011**. Unesco Institute for Statistics, Canada, 2012. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/topic/international-standard-classification-education-isced> Acesso em: 30 Abr. 2020.

UNIPAMPA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas** (MEC/UNIPAMPA, Campus Bagé, Lei n. 11.640, de 11 de janeiro de 2008) Abril 2019. Disponível em: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cursodeletraslinguasadicionais/files/2019/06/ppc-letras-linguas-adicionais-2019.pdf> Acesso em: 01 Maio 2020.

Gabriela Bohlmann DUARTE

Graduada em Letras- Licenciatura em Português/Inglês e respectivas Literaturas, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), na área de Linguística Aplicada. É Professora Adjunta I da Universidade Federal do Pampa - Bagé (UNIPAMPA), atuando no curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e respectivas literaturas, na área de Ensino de Língua Inglesa, e no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Unipampa.

Iago Goulart BORBA

Estudante de Letras Línguas Adicionais- Inglês e Espanhol e suas respectivas literaturas na Universidade Federal Do Pampa (UNIPAMPA), Campus Bagé. Brasil, RS

Luciani Salcedo OLIVEIRA

Professora Associada IV na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), em Bagé, RS. Coordena o PPG em Ensino de Línguas na UNIPAMPA. Licenciada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre e Doutora em Letras/Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com Doutorado Sanduíche (Bolsista CNPq) na Macquarie University, Sydney/Austrália. Sua experiência profissional abrange o ensino de língua inglesa, nos contextos Fundamental, Médio e Superior.

Recebido em 14/junho/2020 - Aceito em 20/janeiro/2021